

MINISTRO PEDE AOS INVESTIDORES ESTRANGEIROS QUE MANTENHAM AS APLICAÇÕES NO BRASIL

1994
Economia - Brasil

Mike Segar/Reuters

MALAN DIZ QUE INFLAÇÃO NÃO VOLTA

Daniela Mendes
Correspondente

Nova York — O ministro da Fazenda, Pedro Malan, tomou café da manhã ontem com grandes banqueiros norte-americanos. Depois de explicar as mudanças na política cambial a representantes do governo dos Estados Unidos e do Fundo Monetário Internacional (FMI), foi a vez dos gigantes do setor privado mundial ouvirem a garantia de que o Brasil vai manter o câmbio livre.

No encontro, os banqueiros manifestaram preocupação com a volta da inflação, informou Malan. “A maior preocupação dos investidores é com nossa capacidade de ir em frente a curto e médio prazos, de manter a inflação sob controle e

construir condições para manter o crescimento sustentado até a acomodação da moeda”, contou o ministro, que também pediu sugestões aos banqueiros neste momento de crise.

Ao comentar o aumento no preço dos carros promovido pela General Motors, o ministro afirmou que isso não significa o retorno da inflação. “A inflação não é medida pelo aumento do preço de um produto, mas é a alta generalizada de todos os preços na economia ao longo do tempo. Há preços que sobem e há preços que declinam, o que importa é a composição entre eles. A inflação não voltará”, assegurou.

Organizado pelo Federal Reserve (Fed, o Banco Central dos Estados Unidos), na sua representação em Nova York, o encontro com cerca

de doze representantes de grandes instituições financeiras foi realizado a pedido do ministro. O governo tem interesse em que os bancos privados estrangeiros mantenham as linhas de crédito para o Brasil e continuem financiando as empresas brasileiras.

Estavam presentes o megainvestidor George Soros, dono do Soros Fund, o executivo-chefe da corretora Merrill Lynch, David Komansky, o vice-presidente do Citigroup, William Rhodes, o presidente do Banco de Boston, o brasileiro Henrique Meirelles, o presidente do banco Bear Stearns, Jim Caim, e o presidente da Goldman Sachs, Jon Corzine, entre outros. Depois do café da manhã, o ministro se encontrou com Ernest Stern, do banco JP Morgan, amigo de Malan de longa data.

Ao reafirmar que o governo irá honrar a sua dívida interna, o ministro disse não ter solicitado aos bancos que mantenham as linhas de financiamento ao país. “Não teremos nenhuma reestruturação da dívida interna”, garantiu Malan, no último dia da sua visita de quatro dias aos Estados Unidos para onde veio explicar a nova política cambial.

A dívida interna brasileira é alta. Aos bancos estrangeiros, o Brasil deve cerca de US\$ 70 bilhões e aos bancos nacionais outros US\$ 300 bilhões. A elevação do teto dos juros, determinada pelo Banco Central na segunda-feira, deverá aumentar ainda mais a dívida e alguns economistas começam a questionar a capacidade do governo de pagar o débito.



Malan: “A maior preocupação é com a nossa capacidade de ir em frente”